

## O CORPO COMO OBJETO E COMO LUGAR NA DANÇA DO VENTRE: CONTRIBUIÇÕES DA SOMAESTÉTICA

Marília Balbi Silveira

**Resumo:** A somaestética, conceito cunhado pelo filósofo Richard Shusterman, propõe a ideia do corpo “objeto” e “lugar”, conceitos atravessados pela paradoxal ideia de ter um corpo e ser um corpo. Enxergar o próprio corpo enquanto objeto é algo natural, uma vez que, sendo meu, eu poderia fazer o que desejasse com ele. Além de essa ser uma visão utópica, especialmente numa sociedade patriarcal, a objetificação do corpo feminino pelo outro é um problema crucial nas teorias feministas. Este estudo propõe reflexões teóricas acerca da relação entre o corpo da mulher na Dança do Ventre e a possibilidade de desconstrução da ideia do corpo como objeto da apreciação estética pelos outros. À luz da somaestética pensamos a Dança do Ventre na contramão da ideia de que essa prática fortaleça exclusivamente a exposição do corpo feminino condicionado às perspectivas de organização e conhecimento androcêntricas. Quando relacionada a sua ancestralidade, a Dança do Ventre poderá favorecer o feminino pelo encontro entre mulheres, o autoconhecimento e a valorização do corpo como lugar do sagrado feminino, capazes de estimular reflexões que podem favorecer o engajamento das mulheres nas lutas contra a opressão feminina.

**Palavras Chave:** Somaestética, Dança do Ventre, Feminino.

---

\* Mestranda no programa de Pós Graduação Ciência da Atividade Física, da escola de Arte, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil

É urgente a reflexão sobre o uso do corpo feminino. E é inadiável que isso seja feito por mulheres. O corpo feminino vem sendo vinculado pelas mídias de publicidade de forma

objetificada, sob valores distorcidos, e credibilizando formas estéticas (de padrões europeus) como sendo as únicas formas socialmente aceitas e valorizadas. A Dança do Ventre por vezes também é vinculada a imagem do corpo erotizado e sua prática associada a satisfação e entretenimento do gênero masculino. Muitas distorções sobre o verdadeiro sentido e significado desta arte encontram-se nos poucos registros sobre essa dança, como nos mostra a professora norte-americana feminista, Isis J. Stewart, que realizou pesquisas em sítios arqueológicos na Europa, no Oriente Médio e na América do Sul, para escrever o livro *A Dança sagrada do feminino*<sup>1</sup>, afirma que poucos pesquisadores de dança eram dançarinos, e que desta forma, a opinião dos que dançam é muito diferente dos que apenas observam. Isto somado a parcialidade do olhar masculino sobre as danças das mulheres, nos mostra que podemos ter perdido uma boa quantidade de informações sobre a história (STEWART, 2016). "... a voz feminina é perdida e os seus costumes estão sujeitos a ser avaliados e indevidamente aplicados quando filtrados através do ponto de vista masculino" (STEWART, 2016, p. 30).

Reflexões como esta sobre o corpo tem levado o grupo de estudos ECOAR<sup>2</sup>, liderado pela professora doutora Marília Velardi, e coordenado pela professora mestre Renata Matsuo a problematizar a partir da artes, questões do feminino. Em meio as pesquisas e leituras, surgiu o encontro com disciplina Somaestética, cunhada pelo filósofo Richard Shusterman<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> STEWART, I.J. *A Dança do Sagrado Feminino: o despertar espiritual da mulher através da dança, dos movimentos e dos rituais*. São Paulo: Pensamento, 2016

<sup>2</sup> ECOAR - Grupo de Estudos em Corpo e Arte - está sediado na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. É formado por alunos, ex-alunos, artistas e pesquisadores do campo do Movimento Humano, especialmente interessados nas epistemologias que conduzam ao desenvolvimento de investigações qualitativas e radicalmente qualitativas. Atualmente o ECOAR tem como focos: (a) a busca de epistemologias artísticas, (b) a construção de conhecimento com artistas sobre a arte e (c) a criação de estruturas de performances dos "dados" ou dos conhecimentos produzidos nas investigações.

<sup>3</sup> Richard Shusterman filósofo pragmatista, professor na Florida Atlantic University, criador da disciplina denominada Somaestética.

com a filosofia pragmática e a filosofia de vida, e propõem que o corpo não é apenas o lugar em que os valores são exibidos fisicamente e desenvolvidos atrativamente, mas é também lugar das

competências da percepção e da performance refinada, afim de melhorar a cognição e as capacidades para virtude e para felicidade. O termo "soma" indica um corpo vivo, senciente e sensível e o termo "estética" enfatiza o papel perceptivo do soma e contradiz a dicotomia corpo/mente (SHUSTERMAN,2012).

Para Shusterman (2012), o corpo expressa a ambiguidade do ser humano, pois ele é a sensibilidade subjetiva que experiencia o mundo, mas é também, o próprio objeto percebido neste mundo. "Assim, tanto *sou* corpo como *tenho* corpo" (SHUSTERMAN, 2012, p. 28). E este desacordo contribui para a alienação somática e objetificação do corpo. Desta forma, corpos objetificados acabam por ficar a merce dos interesses empresariais de lucro com cosméticos, dietas, moda, e tudo que se relaciona com a aparência do corpo.

Ao nos distrair de nossos verdadeiros sentimentos, prazeres e capacidades corporais, esses ideais, incessantemente divulgados, também nos cegam para a diversidade de maneiras como podemos melhorar nossa experiência do corpo. Em nossa cultura, a autoconsciência somática está excessivamente direcionada para uma consciência de como o corpo aparece para os outros segundo termos de normas sociais arraigadas de aparência atrativa e de como a aparência pode ficar mais atraente segundo os termos desses modelos convencionais (SHUSTERMAN, 2012,p.32).

O Autor defende um melhor auto uso do corpo a partir do aprimoramento das nossas capacidades de prazer que podem ser aumentadas pela autoconsciência das experiências somáticas. Com o aumento da autopercepção somática é amplificada também, nossa percepção do mundo exterior e o nosso relacionamento com ele. Entender o próprio corpo como um objeto é natural, ele é por vezes um meio para experienciar o mundo. É com ele, por meio dele, que realizamos tarefas, por exemplo. A grande ressalva, e motivo deste estudo, é que apenas a dona deste corpo deveria escolher o que fazer com ele, sendo este pensamento utópico e desacreditado nas sociedades patriarcais. O objeto-corpo tem sido objetificado pelos outros, pela sociedade, pela publicidade.

No mesmo sentido das epistemologias feministas, Shusterman evidencia que através de normas somáticas sociais identificamos ideologias inteiras de dominação. Alguns hábitos corporais, que geralmente passam despercebidos e por isso escapam à consciência crítica, são perpetuados sem que para tal sejam necessárias leis explícitas e normas oficiais. Como por exemplo, as mulheres de determinada cultura que falam suavemente, comem pouco, sentam-se de pernas fechadas, andam com a cabeça curvada e assumem uma postura passiva durante a relação sexual, são normas corporificadas que tanto refletem, quanto reforçam a opressão de gênero. E nestes casos é tão difícil

promover a autocritica, pois estes corpos já absorveram tão profundamente estes hábitos e formas de ser, que se revolta contra o questionamento (SHUSTERMAN, 2012). Referindo-se a pensadores que construíam a teoria somática e as teorias feministas como Pierre Bourdieu, Judith Butler e Susan Bordo, Shusterman afirma:

Esses estudos mostram como o corpo é simultaneamente formatado pelo poder e usado como instrumento de sua manutenção, como as normas corporais de saúde, de capacidade e de beleza, e até nossas categorias de sexo e gênero, são contruídas de modo a refletir e a sustentar forças sociais (SHUSTERMAN, 2012, p.54).

Richard Shusterman nos convida a refletir sobre consciência corporal a luz da somestética, e nos engaja a problematizar e pensar sobre essas questões na Dança do Ventre, pratica corporal milenar, que nasce nos rituais de adoração as deusas e deuses da natureza, em tempos de intensas lutas pela sobrevivência em que os aspectos relacionados a existência e continuidade da vida humana eram reverenciados e faziam aumentar o aspecto do sagrado. A precisão cronológica da origem da dança nunca foi descoberta, desde o período pré histórico há evidencias dos cultos matriarcais, na qual estatuetas e pinturas mostravam e reverenciavam mulheres grávidas e sua capacidade de gerar vidas. As deusas e deuses da antiguidade eram representações das forças da natureza, como: o sol, a lua, o trovão, e portanto, a estes elementos eram realizados rituais para agradecimentos e pedidos. Nas antigas civilizações do Oriente Médio a dança era uma forma direta de cultuar os deuses, por meio dela possibilitava-se uma condição de transe que por sua vez acreditava-se acontecer a comunicação com o mundo espiritual segundo a bailarina e autora Patricia Bencardini<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Patrícia Bencardini, bailarina e autora do livro intitulado Dança do Ventre: ciência e arte pela editora textonovo, São Paulo, 2002.

A ancestralidade é certamente a principal característica desta dança, ela nasce nos ritos e cultos às divindades, e é transmitida através da oralidade, de mães para filhas, de forma informal. A ancestralidade fez esta arte manter-se genuinamente importante aos grupos, pois ela legitimava as crenças do povo, reafirma e representava o sagrado em si.

No mundo ocidental, recai sobre a Dança do Ventre uma perspectiva de dança ligada a erotização do corpo feminino, e exacerbação da sensualidade e sexualidade da mulher, como sendo estes o fundamentos e objetivos da prática. Isso pode ter tido várias origens, como ilustra Bencardine (2002), desde os marinheiros britânicos que chegavam no Egito por volta do século XIX e iam aos cabarés onde assistiam a exóticas apresentações de danças com mulheres seminuas, até as escrituras das “Mil e uma noites<sup>5</sup>”, livro de contos árabes escrito e traduzido por homens, que conta histórias sobre mulheres que usavam a dança como forma de sedução, em troca de favores pessoais, como escravas que tentavam obter sua liberdade. Ou ainda, nos famosos contos bíblicos, como por exemplo, Salomé, dançarina que pediu a cabeça de João Batista ao rei Herodes, após realizar uma apresentação de dança.

O que podemos inferir é que a maior parte dos registros que se tem desta arte (e de muitas outras), é que ela foi escrita, informada e acreditada a partir do olhar e da fala dos homens, e não das mulheres. E, o que ficou, são as interpretações unilaterais e os ruídos entre uma cultura e seu olhar sobre ela.

As professoras de Dança do Ventre comprometidas com a arte, a cultura e com os valores tão caros a esta ancestralidade, preocupam-se em perpetuar as informações que aprenderam em sua formação com as professoras mais velhas. As movimentações sinuosas, por exemplo, simbolizam as sinuosidades das curvas dos rios, o balançar das copas das arvores ao ventos, ou ainda, com o rastejar de alguns animais, como as cobras por exemplo. Como característica das culturas ancestrais, a oralidade é a grande responsável pela transmissão destes conteúdos, muito desta cultura ficou perdido ao longo dos tempos, e embora a Dança do Ventre tenha sofrido inúmeras distorções, fusões e apropriações ao longo dos séculos, atualmente ainda é possível encontrarmos elementos da natureza sendo representados nas movimentações.

---

<sup>5</sup> O livro “As Mil e Uma Noites” é coleção de histórias e contos populares originárias do Médio Oriente e do Sul da Ásia e compiladas em língua árabe a partir do século IX.

Neste caminho de resgate do essencial desta arte, a ancestralidade dos sentidos e significados, as reflexões sobre corpo de Shusterman parecem bastante pertinentes para pensar e propor prática de dança. Na contra mão da perpetuação dos falsos valores e dos movimentos opressores do valor do feminino, a somestética pode ser um caminho na ampliação de consciência das alunas de Dança, e

uma oportunidade para que elas reflitam sobre si e seu corpo, sobre o outro, e sobre a relação e os papéis sociais que exercem. A somestética é um convite ao posicionamento político.

Cabe as professoras a dedicação e o cuidado ao longo das aulas no sentido de sensibilizar as alunas para processo de ampliação do auto conhecimento e de auto crítica, por meio de seus corpos. A dança não deve ser praticada com o intuito exclusivo da realização do show e da performance, ela deve reverenciar a ancestralidade e o culto ao encontro de mulheres. A dança das alunas poderá tornar-se cênica na medida que houver espaço e vontade para tal. É primordial que elas tomem consciência que não são elas que estão a serviço da dança e do show. O que precisa acontecer é que no contato com o ritual, elas percebam que a dança e o show de dança que devem estar a serviço delas.

O capitalismo e as sociedade patriarcais moldaram os conhecimentos que são importantes a partir da visão masculina de mundo e promoveram a distância das mulheres, afastando-as umas das outras impedindo que estas pudessem identificar-se umas com as outras. As mulheres deixaram de si enxergarem como pares, o que inviabiliza a identificação de sua dimensão política e tomada de consciência enquanto grupo oprimido. Com a prática da Dança do Ventre, as mulheres passam a viver o feminino de forma coletiva, dividindo seus problemas e intimidades umas com as outras, trocando conhecimentos e podendo reconhecerem-se enquanto grupo. Esses encontros criam espaços femininos que favorecem a valorização do corpo enquanto um lugar para a reflexão e engajamento na luta contra as opressões sociais sofridas por elas.

---

## Referências

BENCARDINI, P. **Dança do Ventre**. Ciência e arte. São Paulo. Texto novo, 2002.

BOSANELLO, D.P. **Em Pleno Corpo-Educação somática, Movimento e Saúde**. Jurua Editora, 2010.

CANTUSIO, C.A. **Dança do ventre. A arte de ser mulher**. Campinas: Editora Komedi, 2003

FELDENKRAIS, M. **Consciência pelo movimento**. (tradução de Daisy A. C. Souza). São Paulo, Summus, 1977.

GUTIÉRREZ, R. **O feminismo é um humanismo: o sentido libertário da luta da mulher**. Antares, 1985.

GIFFONI, M.A.C. , **Danças da Ásia, África e Oceania**. São Paulo. Nobel, 1974

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo**. Revista Gazeta de Cuba, 2005.

LYZ, S. **Dança do Ventre-Descobrimo sua deusa interior**. Editora Baraúna, 2009.

SANTOS, I. F. **Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança, arte, educação**. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

SHAPIRO, S. B. **Em direção a professores transformadores: perspectivas feminista e crítica no ensino de dança. Pro-posições**, v. 9, n. 2, p. 35-45, 2016.

SHUSTERMAN, R. **Performing live: Aesthetic alternatives for the ends of art**. Cornell University Press, 2000.

SHUSTERMAN, R. **Pensar através do Corpo, educar para as Humanidades: um apelo para a Soma-Estética**. *Philia&Filia*, v. 2, n. 2, p. 5-33, 2012.

SHUSTERMAN, R. **Consciência Corporal**. Trad.: Pedro Sette-Câmera. São Paulo. 2012.

STEWART, I.J. **A Dança do Sagrado Feminino: o despertar espiritual da mulher através da dança, dos movimentos e dos rituais**. São Paulo: Pensamentos, 2016.

**The body as an object and as a place in the Belly Dance: contributions from Somaesthetic**

**Abstract:** The Somaesthetic, concept proposed by the philosopher Richard Shusterman proposes the idea of the body "object" and "place", concepts crossed by the paradoxical idea to have a body and to be a body. To see own body as an object is a natural thing, because being mine, I could do as I wished with it. In addition to being a utopian view, especially in a patriarchal society, the objectification of the female body by the other is a crucial problem in feminist theories. This study proposes theoretical reflections about the relationship between the woman body in the Belly Dance and the possibility of deconstruction of the idea of the body as the object of aesthetic appreciation by others. Using the Somaesthetic, we think of Belly Dancing against the idea that this practice exclusively strengthens the exposure of the female body conditioned to the perspectives of androcentric organization and knowledge. When related to its ancestry, the belly dance can favor the feminine by the encounter between women, self-knowledge and the valorization of the body as a place of the sacred feminine, capable of stimulating reflections that can favor the engagement of women in the struggles against female oppression.

**Keywords:** Somaesthetic, Belly Dance, Female

---

\*Master's degree in the Program in Physical Activity Science, from the School of Art, Sciences and Humanities of the University of São Paulo (USP), SP, Brazil